



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## A FUNÇÃO ELUSIVA DA MEMÓRIA MECÂNICA NA TEORIA DO CONHECIMENTO DE HEGEL THE ELUSIVE FUNCTION OF MECHANICAL MEMORY IN HEGEL'S EPISTEMOLOGY

HECTOR FERREIRO<sup>1</sup>

Resumo: Ao analisar a teoria da memória mecânica de Hegel, a maioria dos intérpretes considerou apenas dois aspectos da memorização mecânica: o desaparecimento do significado nas palavras mecanicamente memorizadas ou a internalização totalmente abstrata da mente que as memoriza. No primeiro caso, a interpretação concentrou-se na relação entre o significante e o significado das palavras; no segundo caso, concentrou-se na relação entre o signo linguístico como um todo e a mente. Entretanto, a posição específica da memória mecânica na sistematização das atividades cognitivas de Hegel não se baseia nessas duas relações, mas na relação entre o significado de cada palavra e o significado das outras palavras. Ao memorizar de cor fileiras de palavras que não estão conectadas umas às outras por seus significados, mas apenas pela força da mente que decide memorizá-las juntas, a mente se liberta de qualquer conteúdo dado externamente e sublima a referência linear do conteúdo representacional de cada significado à intuição em sua origem. A atualização do poder da mente de interconectar conteúdos de acordo com as próprias regras lógicas da mente realiza, para Hegel, a transição para o pensamento propriamente dito.

1 Pontificia Universidad Católica Argentina  
Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

Abstract: When analyzing Hegel's theory of mechanical memory, the majority of interpreters have considered only two aspects of rote memorization, namely either the disappearance of meaning in the rotely memorized words or the entirely abstract internalization of the mind that mechanically memorizes. In the former case the interpretation focused on the relation between the signifier and the signified meaning of the words; in the latter case, it focused on the relation between the linguistic sign as a whole and the mind. However, the specific position of mechanical memory in Hegel's systematization of cognitive activities does not rely on those two relations, but on the relation between the meaning of each word with the meaning of the other words. By memorizing by rote rows of words that are not connected with each other by their meanings, but only by the force of the mind that decides to memorize them together, the mind frees itself from any externally given content and sublates the lineal reference of the representational content of each meaning to the intuition at its origin. The actualization of the power of the mind to interconnect signified contents according to its own logical rules accomplishes, for Hegel, the transition to thought proper.

Palavras-chave: Hegel. Filosofia do espírito subjetivo. Teoria do conhecimento. Memória. Pensamento.

Key words: Hegel. Philosophy of the subjective spirit. Theory of knowledge. Memory. Thought.

## 1. A FORMA GERAL DA MEMÓRIA NA FILOSOFIA DO ESPÍRITO SUBJETIVO

No signo linguístico, seja ele escrito ou falado, o espírito humano retorna à intuição de um objeto externo cujo conteúdo específico ou determinidade (*Bestimmtheit*) é, no entanto, (pelo menos aparentemente) o do *significado* (*Bedeutung*) desse signo. Por essa razão, ao intuir palavras, o espírito não afunda e se perde em um conteúdo externo imediato, ou seja, ainda não mediado em si mesmo, como fez no início ao intuir as coisas naturais do mundo. A intuição das palavras, pelo contrario, seria, de acordo com Hegel, a relação do sujeito *consigo mesmo* como ser (*Sein*) –por exemplo, os traços de tinta das letras em uma folha de papel ou os sons emitidos pela voz humana– e como universalidade (*Allgemeinheit*) –a universalidade do conteúdo designado, ou seja, do significado.<sup>2</sup> Para Hegel, essa é a diferença específica entre

2 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Werke in 20 Bänden. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970, vols. 8–10 [= Enz], §457A: Erst in der Phantasie ist die Intelligenz nicht als der unbestimmte Schacht und das Allgemeine, sondern als Einzelheit, d. i. als konkrete Subjektivität, in welcher die Beziehungsaufsich ebenso zum Sein als zur Allgemeinheit bestimmt ist.

a intuição do signo linguístico e a intuição *imediata* de uma coisa natural. Com a intuição do signo linguístico, então, um círculo parece fechar-se: aquele que parte de uma mera coisa natural e agora chega ao conteúdo subjetivo do significado de uma coisa externa –a palavra–, que não é mais uma coisa natural, mas uma coisa criada pelo próprio espírito. Quando nas palavras o espírito humano expressa seu próprio conteúdo subjetivo fazendo uso de coisas externas parece unificar os dois momentos de universalidade e ser, antes abstratamente separados em uma coisa natural e em uma representação interna do sujeito.

Quando o espírito aplica sua atividade de representação (*Vorstellen*) à intuição de signos linguísticos externos, começa uma fase especificamente nova de sua atividade teórica: a *memória* (*Gedächtnis*). O que Hegel quer dizer com “memória” é precisamente o ciclo da representação das palavras: como memória, o espírito repete o processo de subjetivação e idealização –ou seja, o processo da representação– mas dessa vez aplicado aos signos da linguagem. Uma vez que o espírito tenha se elevado ao plano universal da linguagem, o caráter abstrato próprio e específico da atividade de representação torna-se aparente na *diferença* remanescente entre os significados das palavras e as intuições que funcionam como sua expressão (*Ausdruck*).<sup>3</sup> Para Hegel, o processo de memória parece consistir precisamente na superação *dessa* diferença. Ao contrário do que acontece no nível da representação da intuição de uma coisa natural, o núcleo em torno do qual a atividade teórica do espírito agora gira não é a subjetivação e a internalização de uma coisa inteiramente imediata, mas a *relação* entre a objetividade já internalizada e idealizada dos signos linguísticos e seus significados internos.<sup>4</sup>

A primeira forma de memória, ou seja, a “memória que retém os nomes” (*das Namen behaltende Gedächtnis*), consiste na internalização de palavras externas e seu posterior reconhecimento a partir de representações internas subjetivas.<sup>5</sup> No entanto, o significado desse processo não é o mesmo no caso da intuição imediata inicial de coisas naturais e no caso atual da intuição de palavras. No primeiro ciclo de intuição, o princípio do desenvolvimento da atividade teórica é a internalização do conteúdo externo da intuição e a subsequente identificação desse conteúdo com o conteúdo subjetivo da representação. Na internalização e idealização das palavras, por outro lado, o que é essencial não é nem a sua subjetivação nem a subsequente identificação da representação subjetiva das palavras com as respectivas palavras externas dadas à intuição, mas o cancelamento da diferença entre as *duas* determinidades ou conteúdos presentes em cada palavra, ou seja, o significado e

3 Enz §457Z.

4 Cf. FULDA Hans Friedrich. “Vom Gedächtnis zum Denken”. In: HESPE, Franz; TUSCHLING, Burckhardt. *Psychologie und Anthropologie oder Philosophie des Geistes. Beiträge zu einer Hegel-Tagung in Marburg 1989*. Stuttgart-Bad Canstatt: Frommann-Holzboog, 1991. pp. 340–341.

5 Enz §461.

o conteúdo que o designa. A memória que retém os nomes transforma a palavra externa intuída em um conteúdo que o sujeito representa dentro de si mesmo. Após essa internalização e assimilação, o conteúdo que designa o significado e o próprio significado parecem se fundir em uma única representação.<sup>6</sup> Na memória, de fato, a internalização da palavra externa parece, de acordo com Hegel, universalizar não apenas o conteúdo intuído que na palavra designa um significado, mas também a *ligação* do significado com o conteúdo que o designa. A representação na qual o signo até então externo e seu significado são assim unificados é o que Hegel chama de “nome” (*Name*).<sup>7</sup>

Na segunda forma da memória, ou seja, na “memória reprodutiva” (*reproduktives Gedächtnis*), o espírito evoca ou re-conscientiza voluntariamente a representação universal dos nomes.<sup>8</sup> Como toda representação universal, a representação de um nome determina o espírito em sua própria substância interna; por essa razão, o nome representado pode ser caracterizado por Hegel como a existência (*Dasein*) imanente do próprio espírito. O nome que se tornou uma representação universal sobre a qual o espírito humano tem poder e da qual ele se dispõe voluntariamente é um pressuposto ou condição de possibilidade do pensamento. “É no nome que pensamos” (*es ist in Namen, dass wir denken*), diz Hegel.<sup>9</sup> De fato, o espírito só pode pensar depois de ter internalizado as palavras externas dadas à intuição em representações que ele agora pode reproduzir voluntariamente e relacionar umas com as outras precisamente por essa razão, ou seja, porque são representações internas do próprio espírito.

De uma perspectiva empírica, a atividade da terceira forma de memória, ou seja, da “memória mecânica” (*mechanisches Gedächtnis*), consiste na reprodução interna de séries de nomes em que o espírito, devido à velocidade da repetição, inibe a transição do conteúdo que em cada caso expressa um significado para o próprio significado.<sup>10</sup> A transição instantânea de um nome para outro nome paralisa, por assim dizer, a relação dos dois conteúdos ou determinidades que cada nome contém em si, ou seja, o significado e o conteúdo que expressa esse significado. Como os nomes reproduzidos mecanicamente agora não estão conectados uns aos outros no nível de seus significados, eles se tornam um ser puro (*Sein*) abstrato

6 Enz §461.

7 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Vorlesungen über die Philosophie des Geistes*. Berlin 1827/1828. *Nachgeschrieben von Johann Eduard Erdmann und Ferdinand Walter*. Hamburg: Meiner, 1994. p. 214: Die Produktion, die ein Wort heißt, ist ein unmittelbares Produkt, ein einzelnes und vorübergehendes, eine ideelle Äußerung, aber sie ist nur eine Äußerung, noch nicht, was wir Namen nennen. Alle Wörter sind auch Namen von etwas, aber Namen sind ausdrücklich die Wörter, sofern sie bleibend verknüpft sind mit einer <bestimmten> Vorstellung, die bestimmte Vorstellung nur ihr Dasein hat in dieser spezifizierten Weise der Äußerung.

8 Enz §462.

9 Enz §462A.

10 Enz §§463–464.

dentro da própria subjetividade. Embora todo nome contenha uma dualidade interna –significado e conteúdo que o designa– o espírito que reproduz nomes mecanicamente dentro de si mesmo se comporta como se fosse algo externo a si mesmo, ou seja, como um *mecanismo*.<sup>11</sup>

Na fantasia (*Phantasie*) como uma subforma da imaginação (*Einbildungskraft*), os dois conteúdos que compõem o signo lingüístico –o significado e o conteúdo que o expressa– persistem cada um em sua própria determinidade, de modo que sua relação mútua, apesar de sua suposta unidade, não configura uma verdadeira identidade. Na medida em que a internalização e a preservação subjetiva do nome e sua subsequente reprodução suprimem a pura exterioridade da palavra intuída, supõe-se que suprimam também a diferença contida em cada nome, o dualismo interno de todo signo lingüístico. Na reprodução do nome, no entanto, o vínculo do significado com o conteúdo subjetivado que o expressa permanece uma mera “síntese” (*Synthese*): esse vínculo não é realmente uma *autodiferenciação* da determinidade, não ocorre dentro da identidade da determinidade consigo mesma; pelo contrário, é uma unificação de dois conteúdos ou determinidades que é realizada apenas *subjetivamente* pelo espírito humano.<sup>12</sup> Essas duas determinidades, sendo unificadas apenas extrinsecamente pelo espírito, permanecem cada uma em sua própria identidade particular consigo mesma. Por exemplo, quando a mente humana reproduz o nome “célula”, o significado que denota esse nome –a célula– e o signo que o designa –a própria palavra “célula” como uma sequência de sons [θelula] ou traços visíveis– são dois conteúdos ou determinidades diferentes. Como as duas primeiras subformas de memória são incapazes de cancelar a diferença entre o significado dos nomes e o conteúdo que, em cada caso, expressa esse significado, é necessária uma outra subforma de memória para finalmente eliminar essa diferença, de modo que o espírito possa finalmente retornar a uma unidade simples consigo mesmo para pensar e compreender a realidade.

Na memória mecânica, o espírito é, por um lado, a subjetividade determinada em si mesma pela representação subjetiva de nomes, ou seja, de conteúdos que, por sua vez, contêm outros conteúdos –os significados–; por outro lado, o espírito é o próprio conteúdo que anteriormente expressava significados e que agora, precisamente por causa de sua reprodução mecânica, tornou-se inteiramente imediato. Dessa forma, o espírito parece abolir a diferença entre o objetivo e o subjetivo. O nome reproduzido mecanicamente é a existência subjetiva do objeto presente no significado do nome e, reciprocamente, é a existência abstrata

11 Enz §463A.

12 Enz §463: Insofern der Zusammenhang der Namen in der Bedeutung liegt, ist die Verknüpfung derselben mit dem Sein als Namen noch eine Synthese und die Intelligenz in dieser ihrer Äußerlichkeit nicht einfach in sich zurückgekehrt; die einfache Wahrheit ihrer besonderen Entäußerungen und ihr durchgeführtes Aneignen ist das Aufheben jenes Unterschieds der Bedeutung und des Namens.

do próprio sujeito no nome cujo significado contém o objeto denotado pelo nome. O nome reproduzido mecanicamente sinalizaria, assim, o surgimento do conceito abstrato de *pensamento*, “o momento unilateral da existência do pensamento” (*das einseitige Moment der Existenz des Denkens*).<sup>13</sup> A identidade do objetivo e do subjetivo define o conceito de pensamento. Ao repetir mecanicamente uma série de nomes, um dos momentos do pensamento, a objetividade, é “colocado na inteligência como uma qualidade de si mesma” (*als Qualität der Intelligenz selbst in ihr gesetzt*).<sup>14</sup> Precisamente porque é colocado como a existência da unidade do nome e seu significado, o espírito se tornaria ele mesmo essa unidade, de modo que seria lícito afirmar, como de fato faz Hegel, que “a razão agora existe no sujeito” (*die Vernunft nun im Subjekte existiert*).<sup>15</sup>

## 2. O PROBLEMA DA MEMÓRIA MECÂNICA NO SISTEMA DO ESPÍRITO TEÓRICO

O modo como Hegel tematiza a forma geral da memória dentro da estrutura do *sistema* da filosofia do espírito subjetivo apresenta uma série de dificuldades exegéticas e conceituais. Na linguagem escrita e falada, como já mencionado, o espírito retorna à intuição de um objeto externo cuja verdadeira determinidade seria a determinidade *do significado*. Justamente porque é o espírito que, nesse caso, coloca o objeto externo –a palavra–, ele não se perde em sua intuição, como fazia na intuição imediata das coisas naturais. Ao contrário do que acontece no caso das coisas naturais, nos signos linguísticos externos dados à intuição o espírito se relaciona neles com suas próprias produções. Por essa razão, Hegel caracteriza o espírito nesse estágio de seu desenvolvimento já como “razão” (*Vernunft*).<sup>16</sup> Na filosofia do espírito subjetivo, entretanto, a intuição das palavras requer a continuação da atividade de representação em uma outra forma: a memória. Qual é, então, a deficiência que persiste no signo linguístico moldado pela fantasia? A relação entre o significado e o conteúdo que o expressa é caracterizada por Hegel como uma relação acidental e transitória, que o sujeito deve, portanto, transformar em uma relação permanente, necessária e universal.<sup>17</sup> Mas os signos linguísticos não são a exterioridade *do próprio espírito*? Por que o espírito deve então aprender o

13 Enz §464A.

14 Enz §463A.

15 Enz §464A.

16 Enz §457A.

17 Enz §461: Jene Verknüpfung, die das Zeichen ist, zu dem Ihrigen machend, erhebt sie durch diese Erinnerung die einzelne Verknüpfung zu einer allgemeinen, d. i. bleibenden Verknüpfung, in welcher Name und Bedeutung objektiv für sie verbunden sind.

significado de seus próprios signos?<sup>18</sup> Por que é necessário que o espírito aprenda os significados dos signos linguísticos quando, ao formar cada signo, é ele mesmo quem liga o significado ao conteúdo que o expressa?

Os nomes se apresentam, até certo ponto, como o momento final da atividade do espírito teórico.<sup>19</sup> No entanto, todo nome ainda contém uma diferença interna: aquela entre o que existe entre o conteúdo do significado, por um lado, e o conteúdo que o designa, por outro.<sup>20</sup> Hegel tenta resolver essa dualidade interna de todo signo linguístico introduzindo na prática a perspectiva da linguagem de *outros* sujeitos (ou da própria linguagem do sujeito, mas da qual ele não conhece o significado de algumas palavras). Nos signos linguísticos de outros sujeitos, o significado não é apenas distinto do conteúdo que o expressa, mas também é *externo* ao sujeito singular que intui esses signos, uma vez que não foram configurados por ele. A partir dessa premissa particular, a dualidade interna do nome parece ser resolvida por meio da internalização do nome, ou seja, mais claramente, por meio de uma repetição do processo de representação aplicado a signos linguísticos externos dados à intuição do sujeito. Ora, no signo linguístico externo temos, por um lado, a *diferença* entre os dois conteúdos ou determinidades que o constituem, ou seja, a diferença entre o significado e o conteúdo que o expressa, mas, por outro lado, temos também a eventual *exterioridade* de ambos os conteúdos em relação a um sujeito particular. A exterioridade da palavra escrita e falada, entretanto, não deve ser confundida com a diferença interna dos dois conteúdos do signo. Em sua exposição da forma da memória, Hegel, no entanto, na prática equipara as duas dimensões, substituindo a palavra que um sujeito exterioriza –por exemplo, quando pronuncia uma palavra ou a escreve no papel– pelo signo linguístico de outro sujeito. Dessa forma, não apenas a palavra externa dada à intuição, mas também sua diferença interna entre o conteúdo que expressa o significado e o próprio significado parecem ser “externos”, uma vez que o sujeito particular que intui a palavra não pode representar seu significado para si mesmo. Isso acontece, entretanto, não porque o conteúdo que expressa o significado e o próprio significado sejam conteúdos externos dados à intuição, mas porque o significado da palavra não foi ativamente ligado ao conteúdo que expressa seu significado por *esse* sujeito

18 Enz §457Z: Die hier hervortretende Willkürlichkeit der Verbindung des sinnlichen Stoffes mit einer allgemeinen Vorstellung hat zur notwendigen Folge, dass man die Bedeutung der Zeichen erst lernen muss. Dies gilt namentlich von den Sprachzeichen. – Enz §461Z: Das Erste ist hier also dies, dass wir die Bedeutung der Namen behalten, dass wir fähig werden, bei den Sprachzeichen uns der mit denselben objektiv verknüpften Vorstellungen zu erinnern.

19 Enz §444: Nach außen, indem der subjektive Geist Einheit der Seele und des Bewußtseins, hiermit auch seiende, in einem anthropologische und dem Bewußtsein gemäße Realität ist, sind seine Produkte im theoretischen das Wort und im praktischen (noch nicht Tat und Handlung) Genuß.

20 Enz §464A.

singular.<sup>21</sup> A internalização da suposta dupla exterioridade dos dois conteúdos do signo linguístico deve, então, de acordo com essa perspectiva de análise, provocar não apenas a subjetivação de seus dois conteúdos, mas também deve ligá-los de forma estável: de fato, nessa abordagem a memória que retém o nome deve unir a determinação do significado com a determinação que o expressa por meio da subjetivação deste último.

No entanto, como já mencionado, é necessário distinguir neste contexto três aspectos: o primeiro é a eventual *exterioridade* das palavras em relação a um sujeito cognoscente singular; o segundo é a *diferença* das duas determinidades contidas em cada palavra, e o terceiro é a possível *estranheza* do significado das palavras com relação a um sujeito singular concreto. O significado de uma palavra que um determinado sujeito não conhece –e, portanto, não entende o que essa palavra significa– não é um conteúdo propriamente externo. O significado de uma palavra nunca é idêntico ao seu signo, isto é, ao conteúdo que o exprime; por isso, quando um sujeito ouve ou lê uma palavra, quer se trate de uma palavra cujo significado ele não conhece ou conhece, esse significado não é, em caso algum, intuído como se o conteúdo do significado fosse, na realidade, o *mesmo* conteúdo do signo que o exprime. Precisamente por essa razão, o sujeito não chega a conhecer o significado de uma palavra transformando o conteúdo externo que a expressa em uma representação interna: o sujeito pode perfeitamente ter uma representação universal de uma palavra –por exemplo, a representação interna de uma sequência de sons– e ainda assim não conhecer seu significado. O que o sujeito transforma numa representação interna é apenas o conteúdo intuído que exprime o significado, não o significado em si, pois, como já foi dito, o significado não é uma determinidade que pertença ao conteúdo que o expressa: o significado da palavra inglesa “garden” não está de modo algum presente na sequência de sons “g”, “a”, “r”, “d”, “e”, “n” (em termos fonéticos: gɑ:dn). Por esta razão, internalizar o som “gɑ:dn” em uma representação interna não muda absolutamente nada no que diz respeito ao conhecimento de seu significado. Caso contrário, teria sido suficiente que os predecessores de Jean-François Champolion tivessem convertido a intuição dos hieróglifos egípcios em representações para entender o que eles significavam. Modificar a *forma teórica* do conteúdo que expressa um significado e conhecer esse significado são duas atividades completamente diferentes. Por outro lado, o fato de conhecer o significado de uma palavra não significa que o significado e o conteúdo que o exprime se tornem *idênticos* nesse ato: mesmo que se conheça o significado de uma palavra, o conteúdo do significado e o conteúdo que o expressa são, enquanto

21 Enz §460: Der Name als Verknüpfung der von der Intelligenz produzierten Anschauung und ihrer Bedeutung ist zunächst eine einzelne vorübergehende Produktion, und die Verknüpfung der Vorstellung als eines Inneren mit der Anschauung als einem Äußerlichen ist selbst äußerlich. Die Erinnerung dieser Äußerlichkeit ist das Gedächtnis. [NB.: Meu destaque, H.F.]

tal, conteúdos diferentes –um é, por exemplo, um jardim; o outro é a sequência particular de sons “gɑ:dn” que na língua inglesa designa o conceito de jardim. Por fim, a palavra cujo significado o sujeito conhece pode, no entanto, ser uma palavra externa, ou seja, uma palavra escrita ou falada. As três constelações delimitadas, i.e. que uma palavra pode ser um signo externo –escrito ou falado por uma voz–, que os dois conteúdos que compõem qualquer signo são sempre diferentes e que o significado de um signo pode ser desconhecido para um determinado sujeito são totalmente independentes uma da outra. Por esse motivo, possíveis mudanças no nível de uma dessas três constelações não têm efeito direto no nível das outras duas. Os dois conteúdos presentes em um signo sempre diferem um do outro, independentemente de um determinado sujeito conhecer ambos ou não –ou seja, se sabe o que esse signo significa–, e independentemente de o signo ser um conteúdo externo dado à intuição do sujeito ou se o sujeito o internalizou em uma representação interna. O fato de um signo ser um conteúdo externo não implica, por sua vez, que o sujeito não saiba seu significado, nem que seus dois conteúdos sejam *por essa razão* diferentes um do outro. Por fim, o fato de um sujeito não intuir um signo, mas representá-lo internamente, não implica que ele conheça seu significado, nem que os dois conteúdos que constituem cada signo superem sua diferença e se tornem idênticos um ao outro.

A atividade da memória na filosofia do espírito subjetivo de Hegel consiste na repetição do processo de representação sobre a intuição imediata de signos linguísticos externos, cujos significados são, além disso, desconhecidos para o sujeito que realiza o processo de representação. Se equipararmos confusamente a diferença entre o significado e o conteúdo que o expressa, a estranheza do significado para um sujeito particular que intui esse signo, mas que, aparentemente, não o configurou ele mesmo –caso contrário, ele saberia seu significado– e a eventual exterioridade do conteúdo que nesse signo expressa o significado, então a internalização desse último conteúdo –o processo de sua representação– deve não apenas cancelar sua exterioridade, mas *também* a estranheza do significado desse signo para o sujeito que o internaliza, bem como a diferença entre os dois conteúdos que constituem o signo. Mas a transformação do signo linguístico externo –estritamente falando, do conteúdo que nesse signo expressa um significado– em uma representação subjetiva não fornece como tal nenhuma explicação do significado do signo e não muda o fato de que o significado e o conteúdo que o expressa são sempre, infalivelmente, diferentes no que diz respeito à sua respectiva determinidade. A internalização de palavras intuídas ou lidas não faz mais do que nivelar a forma teórica do conteúdo que nelas implica um significado e a forma teórica desse significado. Na filosofia do espírito subjetivo de Hegel, a forma geral da memória parece, à primeira vista, consistir precisamente nesse nivelamento das formas teóricas dos dois conteúdos

que todo signo implica, de modo que a diferença dos dois conteúdos possa, assim, ser cancelada em uma identidade diferenciada em si mesma.

Embora a razão próxima pela qual Hegel introduz a forma geral de memória no processo do espírito subjetivo teórico seja a internalização de signos linguísticos externos, essa internalização não consegue –como era previsível– produzir uma identidade diferenciada entre o conteúdo das palavras enquanto signos e o conteúdo dos seus significados.<sup>22</sup> A persistência da diferença entre os dois conteúdos na memória reprodutiva finalmente leva à reprodução mecânica como o momento final da forma geral da memória. Os dois primeiros momentos da memória trazem as formas subjetivas teóricas dos dois conteúdos presentes em cada signo linguístico para o mesmo plano a fim de suprimir sua diferença. A principal função da memória mecânica parece estar no fato de que ela finalmente resolve a deficiência das duas primeiras subformas de memória. Entretanto, a reprodução mecânica continua a mesma estratégia de padronizar as formas teórico-subjetivas dos dois conteúdos do signo linguístico. As duas primeiras subformas da memória transformam a palavra externa em uma representação interna, que é, em princípio, a forma teórica correspondente ao significado. O nome é a unidade de dois conteúdos, em que um deles –o que expressa o significado– é relativamente externo ao outro –o significado– e o último é relativamente interno ao primeiro –sua “alma” (*Seele*), como diz Hegel<sup>23</sup>; nessa medida, o fato de que na reprodução mecânica de nomes o espírito permanece preso, por assim dizer, na intuição do conteúdo que expressa o significado pode ser interpretado da seguinte forma: ao ser reproduzida mecanicamente, a intuição do conteúdo que expressa o significado torna-se abstratamente externa, puro ser; entretanto, uma vez que contém *em si* o significado, em sua reprodução mecânica o próprio espírito torna-se ele mesmo a unidade inteiramente imediata do externo e do interno, do objetivo e do subjetivo. Agora, a unificação das duas determinidades que todo signo linguístico como tal sempre contém é realizada unilateralmente pelo sujeito cognoscente, ou seja, não ocorre no próprio conteúdo como uma mediação dentro de sua própria determinidade, como uma autodiferenciação da identidade dessa determinidade consigo mesma. A reprodução mecânica não abole essa mediação, e não o faz simplesmente porque ela nunca aconteceu de facto: o

22 HEGEL. *Vorlesungen über die Philosophie des Geistes*. pp 216–217: Das zweite ist das reproduzierende Gedächtnis, eine Reproduktion des Namens als eines Vorgestellten, so dass dieses identisch ist mit der Bedeutung. Das Wort heißen wir ein Zeichen, identisch mit dem Inhalt. Es ist hier diese Identität des Sub und Objektiven innerhalb der Intelligenz selbst, es ist hier eine solche Objektivität, worin zugleich ein Stoff ist, produziert von der Intelligenz – das Wort kommt von der Tätigkeit der Intelligenz her –, aber indem das Wort zugleich auch einer Äußerung der Tätigkeit angehört, ist darin zugleich diese Gleichgültigkeit vorhanden dieses Stoffes gegen die Bedeutung, gegen die Vorstellung. Der Name hat diese Zufälligkeit gegen den Inhalt noch an ihm, ist einerseits identisch, wenn ich den Namen reproduziere, habe ich zugleich den Inhalt, den Sinn, aber es ist eine Identität, zugleich behaftet mit dieser Unterscheidung der Gleichgültigkeit des Materials gegen die Bedeutung, es ist also noch nicht die wahrhafte Objektivität des Inhalts darin enthalten.

23 Enz §456A, §457A, §458, §458A.

que a reprodução mecânica faz é simplesmente inibir sua própria ligação entre os dois conteúdos do signo. Uma vez que não há mediação intrínseca entre os dois conteúdos do signo, uma vez que eles não constituem uma identidade diferenciada, o que o espírito reproduz mecanicamente não é o nome como uma totalidade ou identidade do significado e o conteúdo que o expressa, mas apenas a intuição deste último. Uma vez que as determinidades presentes nos nomes persistem cada uma em sua respectiva particularidade, as várias transformações possíveis das formas subjetivas teóricas pelas quais o sujeito conhece essas duas determinidades são, enquanto tais, incapazes de anular a diferença entre elas e de elevar essa diferença a uma identidade diferenciada em si mesma. Assim, nenhuma das três sub-formas da memória supera –nem, em rigor, pode superar– esta dualidade: a totalidade e a unidade do nome são sempre o resultado de uma unificação meramente subjetiva. Apesar disso, Hegel parece conceber o nome reproduzido mecanicamente como *uma* a determinidade que, até certo ponto, contém uma mediação interna entre o conteúdo relativamente interno do significado e o conteúdo relativamente externo que o expressa; caso contrário, Hegel não poderia sustentar que “como memória mecânica, a inteligência é, ao mesmo tempo, a objetividade externa e o significado. A inteligência é assim estabelecida como a existência dessa identidade[.]”<sup>24</sup> É a partir desta suposta “identidade” entre o objetivo e o subjetivo que Hegel parece, de facto, ligar a memória mecânica ao pensamento como forma última do espírito subjetivo teórico. De fato, o que define o pensamento é precisamente a unidade da objetividade e da subjetividade. O conceito de pensar, entretanto, não surge do plano da relação entre o significado e o conteúdo que o designa, mas do plano da relação entre o conteúdo universal da representação e o conteúdo singular da intuição. Mas essa última relação ocorre dentro do significado. Mais claramente: o signo linguístico contém duas relações; uma é a relação do conteúdo universal do significado –por exemplo, o significado da palavra “célula”– com o conteúdo singular da intuição –as células do mundo real–; a outra relação é a do significado –“célula”– com o conteúdo que o expressa no signo –a sequência de sons audíveis [θelula] ou os traços visíveis da sequência de letras “c”, “é”, “l”, “u”, “l”, “a”. É claro que o conceito de pensamento resulta do cancelamento da dualidade presente na *primeira* relação, ou seja, aquela entre o significado e as coisas que instanciam esse significado no mundo real; a relação entre o significado e o conteúdo arbitrário que o designa na palavra de um determinado idioma é, em última análise, irrelevante para o processo de pensamento. Qual é, então, o sentido e a função que Hegel atribui à memória em geral –e, especialmente, como momento de transição para o pensamento, à memória mecânica– no processo de atividades teóricas que vão desde a intuição de uma coisa no mundo externo até a compreensão totalmente ideal dessas coisas pelo sujeito?

24 Enz §464: Die Intelligenz ist als mechanisches Gedächtnis in einem jene äußerliche Objektivität selbst und die Bedeutung. Sie ist so als die Existenz dieser Identität gesetzt[.]

O próprio Hegel advertiu que a compreensão da conexão orgânica entre a atividade de memorização mecânica de palavras e a atividade de pensamento conceitual, de compreensão, é “um dos pontos mais difíceis da doutrina do espírito” (*es ist einer der [...] schwersten Punkte in der Lehre vom Geiste*).<sup>25</sup> Essa advertência se mostrou correta: de acordo com John Burbidge, a teoria hegeliana da memória mecânica “sempre pareceu paradoxal para os intérpretes de Hegel” (*has always seemed paradoxical to Hegel interpreters*).<sup>26</sup> John McCumber concorda que a seção sobre a memória mecânica na filosofia do espírito subjetivo “é bastante confusa e, para o comentarista, até mesmo embaraçosa” (*is quite confusing and, to the commentator, even embarrassing*)<sup>27</sup>; Willem DeVries também considera a exposição de Hegel sobre a memória mecânica como “bastante confusa” (*fairly confusing*).<sup>28</sup>

Muitos intérpretes da doutrina hegeliana da memória mecânica se concentraram primordialmente em dois aspectos: ou no “desaparecimento” do significado das palavras mecanicamente memorizadas<sup>29</sup> ou na reflexão totalmente abstrata do espírito em si mesmo, na sua própria interioridade, quando reproduz mecanicamente séries de palavras.<sup>30</sup> No primeiro caso, a interpretação centra-se na relação entre o significado das palavras e o conteúdo que designa o significado; no segundo, centra-se na relação entre o signo linguístico no seu conjunto, tomado como um todo, e o espírito humano que o conhece. Ao reproduzir mecanicamente uma série de nomes, a mente não presta atenção ao significado desses nomes, mas apenas aos conteúdos que expressam os significados. Uma vez que nos signos linguísticos estes conteúdos são arbitrariamente ligados pela mente aos conteúdos que passam a funcionar nessa mesma ligação como os seus significados, a série reproduzida não tem –literalmente– qualquer significado; a sua reprodução é meramente mecânica, e a mente que a realiza comporta-se então como um mecanismo. Por isso, na reprodução mecânica, o significado desaparece dos nomes, mas, em rigor, continua presente neles, só que não *durante* a própria reprodução mecânica. Esta forma particular de unidade *simples* que o nome reproduzido mecanicamente adota é o aspeto sobre o qual se concentra o primeiro grupo de intérpretes sobre a função da memória mecânica no pro-

25 Enz §464A.

26 BURBIDGE, John W. *Hegel's Systematic Contingency*. New York: Palgrave-Macmillan, 2007. p. 87.

27 MCCUMBER, John. *The Company of Words: Hegel, Language, and Systematic Philosophy*. Evanston: Northwestern University Press, 1993. p. 229.

28 DeVRIES, Willem. *Hegel's Theory of Mental Activity: An Introduction to Theoretical Spirit*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1988. p. 158.

29 Veja, por exemplo, BURBIDGE. *Hegel's Systematic Contingency*, p. 88; ROMETSCH, Jens. *Hegels Theorie des erkennenden Subjekts: Systematische Untersuchungen zur enzyklopädischen Philosophie des subjektiven Geistes*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2007. p. 213.

30 Veja, por exemplo, HOULGATE, Stephen. Hegel, Derrida, and Restricted Economy: The Case of Mechanical Memory, *Journal of the History of Philosophy* 34, vol. 1, num. 1 (1996), pp. 86–91; NUZZO, Angelica. *Memory, History, Justice in Hegel*. New York: Palgrave-Macmillan, 2012. pp. 97–98.

cesso teórico que vai da representação ao pensamento que compreende os objectos. Uma vez que os conteúdos que exprimem os significados dos nomes reproduzidos mecanicamente –os sons da voz, sejam eles exteriores ou “interiores”– não têm sentido enquanto tais, a sua determinidade e a mente que a reproduz é, diz Hegel, “ser abstrato” (*dies abstrakte Sein*). Como é claro desde o início da Lógica, o ser puro é o mesmo que o pensamento puro. Hegel pode assim afirmar que na memória mecânica o espírito é subjetividade inteiramente abstrata (*ganz abstrakte Subjektivität*).<sup>31</sup> Esta máxima reflexão do espírito em si mesmo na sua máxima exteriorização, pela qual se torna como um mecanismo, é o aspeto em que se concentra o segundo grupo de intérpretes da memória mecânica acima mencionado.

Ora, embora à primeira vista possa parecer que a chave para compreender a função da memória mecânica no sistema das actividades teóricas do espírito esteja na relação entre o significado e o conteúdo que o designa, ou entre o nome reproduzido mecanicamente e a mente que faz a reprodução, na nossa opinião essa chave está na relação entre o significado de cada nome e o significado dos outros nomes. Com efeito, ao reproduzir mecanicamente séries de palavras que não estão ligadas entre si em virtude dos seus respectivos significados, mas apenas pela força do espírito que as memoriza em conjunto, o espírito liberta-se de *todo* o conteúdo exterior. Porquê? Porque o espírito anula assim a referência intrínseca de todos os conteúdos determinados ao conteúdo originalmente dado sob a forma de sentimento e intuição. A partir de agora, o espírito pode ligar qualquer conteúdo a qualquer outro conteúdo por si mesmo, ou seja, de forma completamente autónoma. É esta atualização do poder (*Macht*)<sup>32</sup> do espírito humano para interligar conteúdos de acordo com as suas próprias regras, ou seja, de acordo com regras especificamente lógicas, que realiza a transição da forma geral de representação para a forma de pensamento. No primeiro modo de actividade teórica, isto é, no sentimento, cada determinação apresenta-se espontaneamente ao espírito que a conhece: o espírito encontra-a em si mesmo e é afetado por ela. A actividade da inteligência humana consiste precisamente em anular progressivamente esta “forma” de cada determinação. Os animais vivem e subsistem num universo de conteúdos imediatos impostos às suas mentes; o espírito humano, pelo contrário, é capaz de se apropriar e assimilar o conteúdo dos seus sentimentos. A apropriação e a assimilação explícitas do conteúdo primeiro dado ao sentimento e à intuição assinalam a passagem ao momento geral da representação. Uma vez que o espírito se apropriou das determinações que o afectam imediatamente no sentimento, pode começar a relacioná-las entre si por si próprio: as primeiras formas de o fazer são a recordação (*Erinnerung*), a associação, a simbolização e a designação. Na recordação, o espírito relaciona a sua própria determinação subjetivada com a do objeto exterior intuído; na associação, relaciona

31 Enz §463.

32 Ibidem.

as representações subjetivas entre si segundo uma determinação presente em comum nelas –por semelhança, contiguidade espaço-temporal, etc.–; no símbolo, subordina um conteúdo a outro, fazendo de um a expressão do outro, e do segundo o significado do primeiro; ao criar um signo, o espírito faz, em princípio, o mesmo que ao criar um símbolo, mas a diferença é que, ao criar um símbolo, o significado e o conteúdo que o exprime partilham uma determinação comum –por exemplo, no leão como símbolo de um império essa determinação comum é a força e o poder–, enquanto no signo a subordinação é inteiramente arbitrária: é o espírito que, pelo seu poder, faz de um conteúdo o signo de qualquer outro conteúdo com o qual não tem qualquer relação –não há, de facto, qualquer ligação entre os cães e os sons das palavras “cão”, “dog” o “Hund”. Mas qual é a deficiência que, segundo Hegel, *continua* a afetar o signo e que, na sua opinião, a reprodução mecânica dos signos linguísticos consegue ultrapassar?

Hegel argumenta que “na medida em que *a conexão dos nomes* reside no significado, a sua conexão com o ser enquanto nomes é ainda uma síntese”.<sup>33</sup> Isto torna claro que o problema já não reside na relação entre o significado e o conteúdo que em cada caso o designa, mas *na relação mútua entre os significados* dos diferentes nomes. Mais claramente: no signo, o espírito anula a determinidade de um dos conteúdos, isto é, a do conteúdo que exprime o significado, na medida em que é a determinidade do conteúdo do significado que tem precedência sobre ele. O signo marca assim um ponto de chegada e Hegel pode caracterizar a fantasia produtora de signos como “razão” (*Vernunft*), isto é, por outras palavras, como a unidade do sujeito e do objeto.<sup>34</sup> No entanto, quando na locução (*Rede*) e no seu sistema, a linguagem (*Sprache*)<sup>35</sup>, o espírito liga os signos linguísticos entre si, fá-lo com base no seu respetivo significado. A determinidade do significado *persiste* assim na sua própria imediatez e particularidade.<sup>36</sup> O aspeto da memória mecânica que é relevante aos olhos de Hegel do ponto de vista do sistema do espírito teórico é que, na reprodução mecânica de séries de nomes, o espírito nega agora a totalidade da determinidade de todos os conteúdos possíveis do conhecimento e transforma-os num puro ser sobre o qual o espírito tem doravante o puro poder de os combinar de acordo com as suas próprias leis. Na palavra, a determinidade –qualquer determinidade– precisa ainda, para ter significado, isto é, para ser realmente uma palavra e não uma mera coleção de sons ou letras sem sentido, de um outro conteúdo –o significado– que lhe é relativamente subjetivo e interno. Como tal, a palavra é, portanto, uma “síntese”

33 Enz §463: Insofern der Zusammenhang der Namen in der Bedeutung liegt, ist die Verknüpfung derselben mit dem Sein als Namen noch eine Synthese und die Intelligenz in dieser ihrer Äußerlichkeit nicht einfach in sich zurückgekehrt. [NB.: Meu destaque, H.F.]

34 Enz §457.

35 Enz §459.

36 A imediatez e particularidade do conteúdo que designa o significado foi cancelada antes pela formação do signo.

de dois conteúdos e, nessa exacta medida, ainda uma subforma do pensamento representacional. Na memorização mecânica, por outro lado, o espírito nega a determinidade remanescente dos conteúdos da intuição imediata no início do processo teórico. Ao ligar agora de forma completamente arbitrária séries de nomes como unidades signo-significado, também o conteúdo dos *significados* perde a sua própria determinidade.

Para Hegel não existe uma ligação linear e fluida entre as palavras reproduzidas mecanicamente e o pensamento que compreende os conteúdos presentes nos significados dessas palavras; o que é relevante aos seus olhos são as sucessivas modificações que a determinidade em geral –que é dada inicialmente ao espírito como algo puramente imediato, como algo que apenas “é” – sofre através da atividade do próprio espírito que a conhece. Ao atingir a actual fase da sua atividade teórica, o espírito humano actualiza a sua liberdade de autodeterminação; doravante, ao contrário dos animais, que, em maior ou menor grau, permanecem sempre afundados nos conteúdos que lhes são impostos pelo sentimento e pela percepção sensível, pode formar a partir de si mesmo teorias povoadas por entidades criadas pelo próprio espírito e, com elas e nelas, compreender o mundo real.<sup>37</sup>

---

37 Esse tipo de abordagem da memória mecânica na filosofia de Hegel foi parcialmente explorado por John McCumber (MCCUMBER. *The Company of Words*. pp. 234–235), Slavoj Žižek (ŽIŽEK, Slavoj. Hegel, Lacan, Deleuze: Three Strange Bedfellows. In: BABICH, Babette; RICHARDSON, William. *From Phenomenology to Thought, Errancy, and Desire*. Dordrecht: Kluwer, 1995, pp. 492–497) e Richard Dien Winfield (WINFIELD, Richard Dien. *Hegel and Mind: Rethinking Philosophical Psychology*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010. pp. 95–98; WINFIELD, Richard Dien. *The Intelligent Mind: On the Genesis and Constitution of Discursive Thought*. New York: Palgrave Macmillan, 2015. pp. 97, 104–106). A proposta desses autores, entretanto, é insuficiente para uma compreensão completa da teoria hegeliana da memória mecânica. Por um lado, eles ignoram o carácter problemático da estratégia de modificar as formas teórico-subjetivas do significado da palavra e do conteúdo que a expressa; mas essa estratégia está presente na própria exposição de Hegel e é, de fato, a condição próxima de possibilidade para que se possa considerar o nome reproduzido mecanicamente como uma “identidade” do subjetivo e do objetivo.